

Outubro/Dezembro
October/December

Índico

REVISTA DE BORDO DA  INFLIGHT MAGAZINE • SÉRIE II • Nº 37 • 2006

A voz da foto
The Voice of the Photo

O rio Côa insere-se na bacia hidrográfica do rio Douro percorrendo as províncias portuguesas da Beira Alta e do Alto Douro. O Côa desfila de Sul para Norte por entre paisagens graníticas e xistosas, passando por locais com nomes tão sugestivos ou curiosos como Canada do Inferno, Fariseu, Penascosa ou Salto do Boi. A região que nos interessa mais particularmente – a do Baixo Côa – possui uma paisagem tipicamente mediterrânea originada pelo microclima resultante da capacidade de retenção de calor dos xistos. A paisagem quente e seca é dominada por três grandes culturas perfeitamente adaptadas a este ambiente: a oliveira, a amendoeira e a vinha.

Estando a zona situada no coração da paisagem vinhateira do Douro, o cenário envolvente é deslumbrante, especialmente no Outono quando os tons avermelhados, acastanhados e amarelados das folhas das videiras pintam vales e colinas de cores mágicas. É neste ambiente que é possível efectuar provas de vinho de mesa e do Porto directamente nas quintas produtoras. Provas do reputado azeite da região são também uma oferta que o gourmet mais exigente não desdenhará para além da gastronomia local, rica na invenção de pratos surpreendentes a partir dos limitados recursos existentes. Talvez a menção a uma experiência gastronómica que se inicia com uma morcela de mel acompanhada de gomos de laranja dulcíssima de Barca d'Alva em azeite e flor de sal, continuando com uma sopa Paleolítica como prato principal e terminando numa sobremesa de gelado de azeite, justifique por si só uma visita ao Côa. Para completar uma experiência autêntica, o visitante pode retemperar forças numa das muitas casas ou quintas de Turismo Rural localizadas em Aldeias Históricas ou no seio das paisagens vinhateiras.

É também no Vale do Baixo Côa que permanecem, inscritas nas superfícies naturais de xisto, as manifestações artísticas mais arcaicas presentes em território português, antigas de 25 000 anos...

A DESCOBERTA

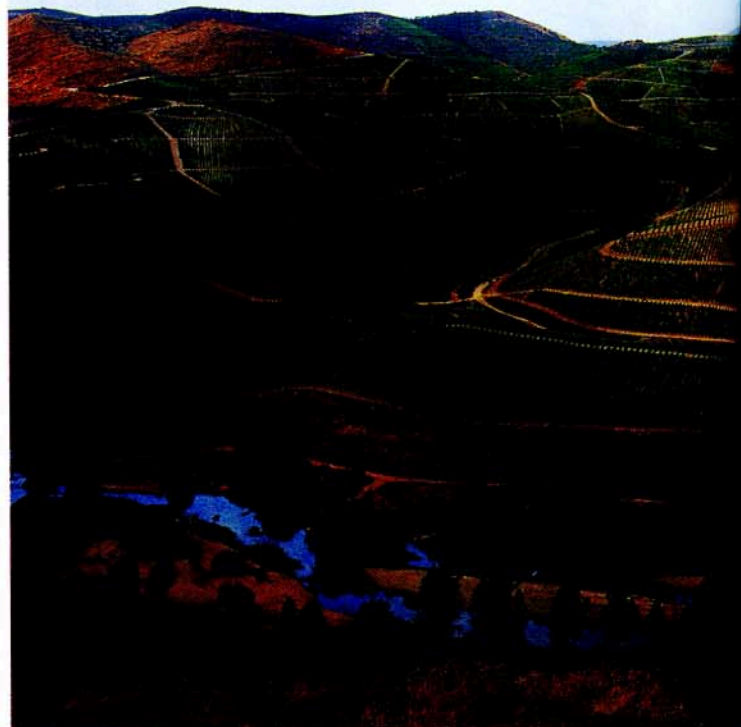
Já na década de 30 do século XX, Silvério de Andrade, um médico de Vila Nova de Foz Côa, amante das cousas antigas, tinha referenciado a existência de gravuras de cronologia recente na região, provavelmente realizadas por moleiros e pastores locais. Só mais cinquenta anos volvidos, após o início da construção da barragem de Foz Côa, Nelson Rebanda, o arqueólogo responsável pelo acompanhamento da obra, reconhece, junto das obras da barragem, um primeiro Núcleo de Arte Rupestre - o da Canada do Inferno - compreendendo gravuras de cronologia Paleolítica. Contudo, somente em 1994 a descoberta é tornada pública iniciando-se então uma verdadeira maratona de reconhecimento de novos Núcleos de Arte Rupestre que ainda hoje continua. Actualmente conhecem-se cerca de 30 Núcleos de Arte Rupestre compreendendo mais de 6000 motivos individuais de diversas épocas e 600 superfícies insculturadas espalhadas ao longo de 17 quilómetros das margens do Baixo Côa no que constitui o mais importante sítio de arte rupestre de ar livre de toda a Europa e um dos mais significativos a nível mundial. Esta importância, que logo desde as primeiras descobertas foi sendo suspeitada por especialistas nacionais e estrangeiros, motivou o reequacionar da construção da barragem, pois tal significaria a submersão da grande maioria dos antiqüíssimos motivos rupestres.

ARTE DO PALEOLÍTICO SUPERIOR

Como é que os arqueólogos atribuíram logo desde a descoberta uma cronologia Paleolítica à maioria dos motivos que iam sendo encontrados?



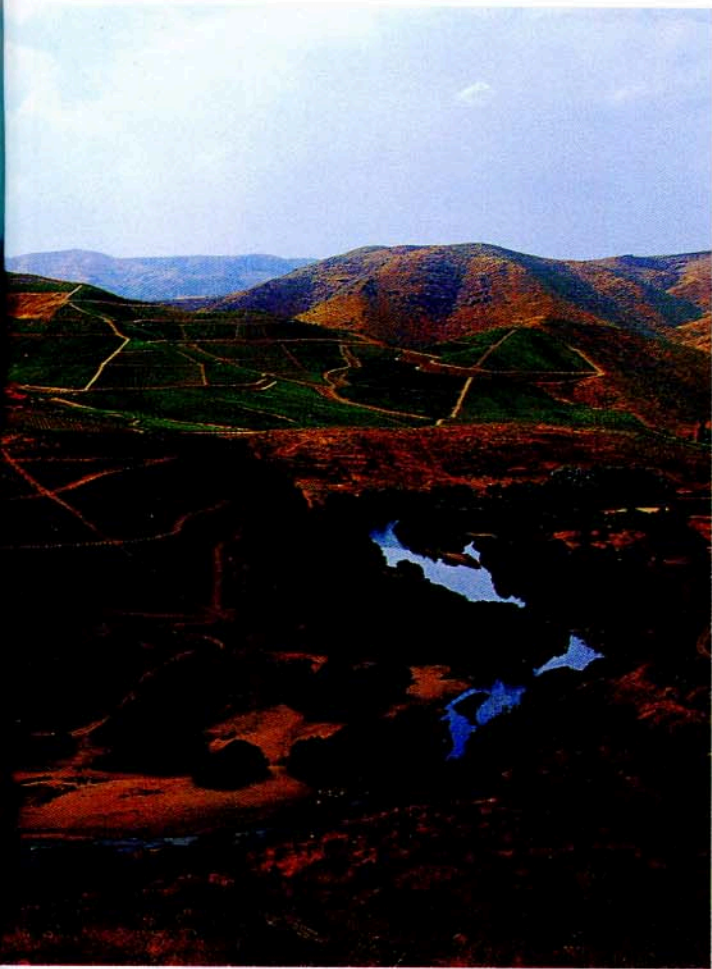
Parque
Arqueológico
Vale do Côa



desenho / draw CNART / © IPA.

Cabra pirenaica bicéfala da Rocha 1 da Quinta da Barca
Two-headed Pyrenean goat from Rock 1, Quinta da Barca.

rio onde o tempo corre



Numa primeira instância, pela comparação estilística entre as gravuras do Côa e outros motivos de cronologia Paleolítica existentes em grutas espanholas e francesas que haviam já sido seguramente datados por métodos científicos. Num segundo momento, a investigação levada a cabo pelos técnicos do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) permitiu descobrir, no sítio do Fariseu, um painel de arte rupestre totalmente subterrâneo por camadas arqueologicamente seladas e datáveis de vários períodos do Paleolítico Superior.

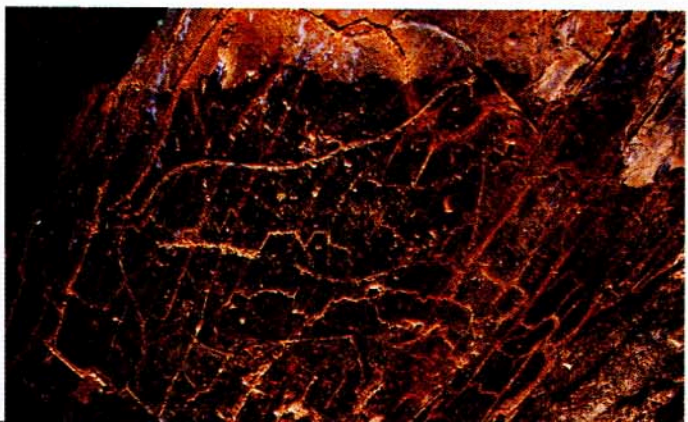
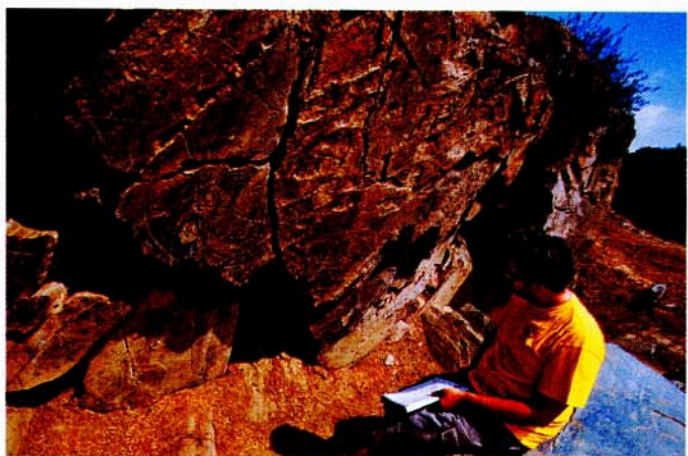
ARTE NATURALISTA

Desde esses tempos que os seres humanos recorrem à gravação e pintura de superfícies pétreas como forma de deixar registadas as suas histórias, mitos e lendas. Este fenómeno ocorre um pouco por toda a Europa tendo especial relevo a região do chamado arco franco-cantábrico onde se situam, por exemplo, as famosas grutas decoradas de Lascaux e Altamira. A arte Paleolítica presente no Côa pertence a esta tradição artística, reflexo, porventura, da primeira unidade cultural pan-europeia. A arte Paleolítica do Côa é essencialmente naturalista. Quer isto dizer que os animais inscritos no xisto (maioritariamente caprinos, equídeos e bovídeos) são representados da forma como são vistos na Natureza tentando-se respeitar as proporções reais desses quadrúpedes.

Quanto às motivações que poderiam estar por detrás dos actos de gravação são várias as hipóteses sugeridas pelos investigadores. Uma das teorias explicativas, surgida ainda no início do século XX, é a da magia simpática. Os animais seriam gravados como forma de propiciar boas caçadas, fundamentais para a sobrevivência destas sociedades de caçadores-recolectores. Uma outra teoria, também surgida no início do século XX mas que nos últimos anos ganhou novo impulso, propõe explicar a realização de gravuras como associada a práticas xamanísticas. O xamã, guardião da memória da comunidade, inscreveria e recriaria nas superfícies parietais os mitos e lendas fundamentais para a coesão duma sociedade já dotada de uma dimensão espiritual. A última grande hipótese explicativa, surgida em meados do século XX, vê os motivos como símbolos compostos em pares de binómios (masculino-feminino, por exemplo) que transcrevem numa linguagem própria formas de entendimento e ordenamento do mundo.

IMPORTÂNCIA MAIOR DA ARTE DO CÔA

Como podemos nós demonstrar ao leitor, que nunca visitou este vale mágico, a importância universal da sua arte rupestre? Para além de todos os dados de natureza estatística ('o maior', 'o mais importante' ou 'o mais antigo' complexo europeu de arte rupestre de ar livre) esperamos que as imagens constantes neste artigo possam ilustrar razoavelmente a emoção e surpresa que as manifestações de espiritualidade e de entendimento do mundo dos nossos antepassados despertam, pois que sobrevivem desde a 'noite dos tempos' proporcionando-nos assim uma viagem a essa época afinal não tão imemorial como a antiguidade das gravuras poderia fazer supor... Por outro lado, os motivos gravados não são apenas linhas que, unidas, formam motivos discerníveis. Muitas dos motivos Paleolíticos do Côa e de outros locais europeus de arte rupestre são verdadeiras obras-primas da arte universal. Aliás, Picasso, após ter visitado a gruta de Lascaux, terá declarado que, em termos de arte, tudo tinha sido já inventado por estes nossos anónimos antepassados. A suavidade do traço, a pureza de linhas, a subtilidade das formas justifica esta afirmação. De entre as características artísticas maiores desta arte





A River Trip Where Time Runs By

The Côa River is part of the Douro hydrographic basin, and it flows through the Beira Alta and Alto Douro provinces of Portugal. Running from South to North, the Côa makes its way between granite and schist landscapes, passing through places whose names are as odd and interesting as Canada do Inferno, Fariseu, Penascosa and Salto do Boi. The region that interests us most – the Baixo Côa – has a typically Mediterranean landscape, thanks to the microclimate resulting from the schist's capacity for heat retention. The hot, dry countryside is dominated by three major crops that are perfectly suited to this environment: olives, almonds and vines.

As the zone lies in the heart of the Douro wine-producing region, the surrounding scenery is magnificent. It is particularly beautiful in the autumn, when the reds, browns and yellows of the vine leaves paint the valleys and hillsides with magical colours. It is here that you can taste table wines and ports on the estates that have produced them. Tasting of high-quality olive oil produced locally is also offered, and the most demanding gourmet will not disdain to try the local food, in a range of richly inventive dishes concocted from limited resources. Maybe the mention of a gastronomic experience that begins with *morcela de mel* (honey sausage) accompanied by succulent sweet slices of orange from Barca d'Alva in olive oil and *fleur de sel*, followed by 'Palaeolithic soup' as the main course, and rounding off with a dessert of olive oil ice cream is in itself a justification for a visit to the Côa. To complete a wonderful experience, visitors can recharge their batteries in one of the many houses or estates belonging to the Rural Tourism net. These are located in historic villages or in the heart of the vineyards. It is also here in the Lower Côa Valley that you can see the oldest human-made art inscriptions yet found in Portugal, 25,000 years old...

DISCOVERY

It was in the 1930s that Silvério de Andrade, a doctor from Vila Nova de Foz Côa, and a lover of ancient things, alluded to the existence of recently-made engravings in the region, perhaps made by local millers and shepherds. More than fifty years rolled by, and then, when construction work started on the Foz Côa dam, Nelson Rebanda, the archaeologist monitoring the works, recognised

the first Upper Palaeolithic Group of Rock Art close to the dam site, the group of Canada do Inferno, consisting of Palaeolithic engravings. But it was only in 1994 that the discovery was made public, unleashing a veritable marathon of recognition of new Groups of Rock Art, which is still ongoing.

Around 30 groups of rock art are currently known, embracing over 6,000 individual motifs from various eras, and 600 engraved surfaces, spread along 17 km of the banks of the Baixo Côa in what is the most important open-air site of rock art in Europe, and one of the most significant in the world. This importance, which was suspected by Portuguese and foreign experts from the first discoveries, led to the dam construction being rethought, since this would have meant the submersion of most of the ancient rock art.

UPPER PALAEOLITHIC ART

How were archaeologists able to say straightaway that most of the motifs that were being found were from the Palaeolithic era? At first, it was by comparing the style of the Côa engravings with Palaeolithic motifs in Spanish and French caves which had already been reliably dated by scientific methods. Secondly, research carried out by technicians from the Vale do Côa Archaeological Park (VCAP) led to the discovery of a panel of rock art at the Fariseu site that had been completely buried by archaeologically sealed layers that could be dated to various Upper Palaeolithic periods.

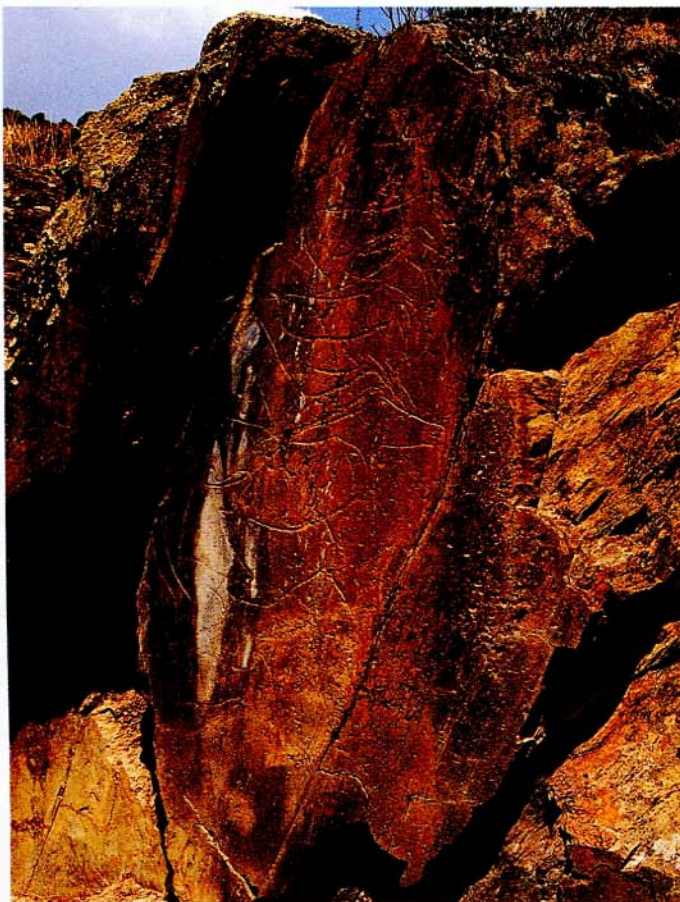
NATURALIST ART

Since those periods humans have painted and engraved rock surfaces as a way of leaving records of their stories, myths and legends. This phenomenon occurs to some extent throughout Europe, but is especially prevalent in what is known as the Franco-Cantabrian arc, where the famous cave paintings of Lascaux and Altamira are located. The Palaeolithic art in Côa belongs to this artistic tradition, possibly reflecting the first pan-European cultural unit. The Palaeolithic art of Côa is an essentially naturalist art. That is to say that the animals engraved on the schist (mostly goats, horses and bulls) are represented

ao ar livre podemos ainda apontar a invenção da animação pois que vários animais representados possuem duas e mesmo três cabeças sugerindo assim movimentos naturais (*ver imagens nas páginas 46/47*).

O CÔA PATRIMÓNIO MUNDIAL

Do debate e comparação valorativa realizada pela sociedade portuguesa, mas também pela comunidade internacional, entre os benefícios da construção da barragem e a importância maior da arte rupestre, concluiu-se que a balança pendia decisivamente para o lado da preservação das gravuras. Assim, em 1995 o Governo Português suspende as obras, tendo no ano seguinte abandonado definitivamente a construção da barragem e cria o PAVC com a missão de gerir, proteger e apresentar publicamente a arte rupestre. Em 1998, no processo de classificação mais expedito da história da UNESCO, os sítios de arte pré-histórica do Côa são elevados à categoria de Património Mundial, consagrando-se assim definitivamente a sua importância universal.



VISITAR O VALE DO CÔA

Hoje em dia é possível percorrer o Vale e conhecer as gravuras Paleolíticas através das visitas que o PAVC proporciona. Para tal aconselhamos a visita a www.ipa.min-cultura.pt/coa para efectuar a reserva pois, devido a questões ligadas com a conservação da arte rupestre e cenário envolvente, existe um limite ao número diário de visitantes. Estão disponíveis para visita três Núcleos de Arte Rupestre (Canada do Inferno, Penascosa e Ribeira de Piscos), realizando-se a visita em jipes do PAVC sendo os visitantes conduzidos por guias especializados. Uma visita a esta região e às suas paisagens investidas de significado pela gravação de motivos artísticos, é o que propomos ao leitor. O convite para conhecer o Vale do Côa em primeira mão está feito. ■

António Pedro Batarla Fernandes - Arqueólogo do PAVC

as they are seen in nature, efforts having been made to keep to their natural proportions. Regarding the underlying reason for making these engravings, a number of theories have been advanced by investigators. One explanation suggested at the beginning of 20th Century is that of sympathetic magic. The animals would be recorded in the hope of favourable hunting, crucial to the survival of these hunter-gatherer societies. Another theory, also emerging at the beginning of 20th Century, but which has gained favour in recent years, suggests that the engravings result from shamanistic activities. The shaman, custodian of the communal memory, would inscribe and recreate on wall surfaces the myths and legends fundamental to the cohesion of a society that already had a spiritual dimension. The last major explanatory theory dates from the middle of the 20th Century. It sees the motifs as composite symbols in binomial pairs (male-female, for instance), which transcribe ways of understanding and ordering of the world in a language of its own.

WIDER IMPORTANCE OF THE CÔA ART

How can we show the reader who has never visited this magical valley the universal importance of its rock art? Besides all the statistical data ('the biggest', 'the most important' and 'the oldest' European complex of open-air rock art), we hope that the pictures accompanying this article will provide a reasonable illustration of the excitement and wonder that the manifestations of spirituality and perception of the world of our ancestors arouse. They have survived since the dawn of time providing us a journey into this era, in fact not as immemorial as the antiquity of the engravings might make one suppose. But the motifs recorded here are not only lines which, joined together, make discernible images. A lot of the Palaeolithic motifs from Côa and other rock art sites in Europe are genuine masterpieces of universal art. Picasso, indeed, said after a visit to the Lascaux cave that, in terms of art, everything had already been invented by our anonymous ancestors. The smoothness of the outlines, the purity of the lines, the subtlety of the shapes justify this assertion. Another great artistic feature of this open-air art is the invention of animation, since some of the animals depicted have two, or even three heads, suggesting their natural motion.

CÔA WORLD HERITAGE

From the discussion and comparative evaluation undertaken by Portuguese society, and by the wider international community, about the benefits of the dam and the greater importance of the rock art, it was concluded that the balance swung decisively to the side of preserving the engravings. And so, in 1995, the Portuguese government suspended work on the dam, and the following year the project was definitively abandoned. The Vale do Côa Archaeological Park was created with the purpose of managing, protecting and publicly present the rock art. In 1998, in the fastest classification process in UNESCO's history, the sites of prehistoric art in Côa were awarded the status of World Heritage, finally enshrining their universal importance (*see images on pages 46/47*).

VISITING VALE DO CÔA

Today it is possible to make a trip along the Valley to learn about the Palaeolithic engravings, on visits organized by the Vale do Côa Archaeological Park. For this, we would advise that you go to www.ipa.min-cultura.pt/coa to make a reservation, since there is a limit on the daily number of visits. This is to help preserve the art and its setting. There are 3 Groups of Rock Art available for visiting (namely Canada do Inferno, Penascosa and Ribeira de Piscos). The visit is conducted in VCAP 4x4 vehicles, with expert guides. A visit to this region and its landscapes, imbued with significance from the engraving of artistic motifs, is what we recommend to the reader. You have been given an invitation to get to know Vale do Côa at first hand... ■

António Pedro Batarla Fernandes - Archaeologist of the VCAP